

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

**CONCEITOS FUNDAMENTAIS  
ACERCA DE FATORES DE EVOLUÇÃO LINGÜÍSTICA**

*José Mario Botelho* (UERJ e ABRASIL)  
[botelho\\_mario@hotmail.com](mailto:botelho_mario@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo objetiva apresentar sinteticamente algumas considerações sobre fatores de evoluções linguísticas, tomando como ponto de partida a evolução da língua latina, que resulta na língua portuguesa.

Assim, os metaplasmos – resultados da evolução linguística de muitas palavras latinas –, que podem ser observados na análise do léxico do português, receberão uma especial atenção nesse trabalho.

**Palavras-chave:** Filologia, Linguística, metaplasmos, evolução linguística.

**INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho é o de fazer, de forma sintética, em virtude da sua própria natureza, algumas considerações acerca de evoluções linguísticas, enfatizando certos fatores que as caracterizam.

Para isso, vamos conceituar língua e dialeto e identificar as prováveis causas e as consequências da evolução de uma dada língua. Tomaremos como referência o português, que é uma das línguas que resultaram da evolução da língua latina após a queda do Império Romano.

Antes, porém, convém ressaltar certos conceitos fundamentais de Filologia e Linguística, que facilitam o desenvolvimento da referida temática e tornam possível a sua compreensão.

**CONCEITO DE FILOGIA E DE LINGÜÍSTICA**

Faz-se mister ressaltar que, embora “Filologia” e “Linguística” apresentem pontos afins, tratam-se de duas áreas de conhecimento distintas, cujos objetivos e objetos de estudo se mostram particulares apesar de não serem estanques.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

### *Conceito de Filologia*

O termo, que é um helenismo (do grego: “*philologia*”), significa literalmente “gosto pela erudição ou pela literatura”, inicialmente relacionado ao estudo exegético dos textos literários.

Câmara Jr (1985, p. 117), além de fazer referência ao sentido literal de “amor à ciência”, lembra-nos de que, atualmente, Filologia designa o estudo da língua na literatura.

Segundo Leite de Vasconcelos (1926), Filologia “é o estudo de uma dada língua em toda a sua plenitude, e o dos textos em prosa e verso, que servem para a documentar. (Vasconcelos, 1926, p. 9)

Logo, trata-se de um estudo linguístico diacrônico a partir de textos literários escritos de uma língua em especial ou de um grupo de línguas afins. Nesse sentido, o referido termo pressupõe a existência de uma linguagem culta e essencialmente escrita.

Contudo, esse conceito abrangente de “Filologia”, que é bastante difundido e aceito pacificamente por muitos estudiosos, não se confunde com o de “Linguística”, que é ainda mais abrangente no que se refere ao estudo sobre a linguagem.

De fato, essas duas ciências compõem campos de estudos distintos e específicos, mas que são intercomplementares.

### *Conceito de Linguística*

O termo se refere a estudos sobre a linguagem humana duplamente articulada, considerada como manifestação linguística, conforme se pode verificar na seguinte conceituação de Câmara Jr (*Op. cit.*): “LINGÜÍSTICA – O estudo da linguagem humana (v.), mas considerada na base da sua manifestação como língua (v.)”. (Câmara Jr., 1985, p. 159)

É, portanto, uma ciência que procura observar e descrever os fenômenos linguísticos ou de uma dada língua ou de línguas afins ou nas línguas em geral, na busca de princípios fundamentais, que regem a organização e o funcionamento da linguagem humana, como elemento de comunicação entre os membros de uma dada comunidade linguística e de exteriorização psíquica desses mesmos membros.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim, a Linguística pode ser diacrônica ou sincrônica e pode se limitar ao exame de uma língua em especial (o português, o francês, o inglês, o alemão etc.), mas sem se rotular com a linguística desta ou daquela língua, ou fazer alusão às línguas em geral ou ainda estabelecer comparações entre línguas afins (de uma mesma família de línguas) e entre línguas de origens diversas.

Nesse último caso, denomina-se Linguística Comparativa, uma vez que seu objetivo é o de estabelecer diferenças e semelhanças entre as diversas línguas conhecidas. É a partir dessa atividade científica que os linguistas comparativistas puderam organizar as árvores genealógicas das diversas línguas conhecidas de todo o mundo.

### OPERAÇÕES FILOLÓGICAS

Como já afirmamos anteriormente, Filologia e Linguística se distinguem, mas não são áreas de estudos estanques.

Há um elo comum entre elas: o estudo da língua, como um sistema de possibilidades linguísticas.

Como já observamos, o campo de estudo da Filologia, contudo, é mais amplo. É da responsabilidade da Filologia, por exemplo, o estudo de ortografia e certos aspectos literários.

De fato, são muitos as atividades de um filólogo. Tais atividades não se confundem com as de um linguista, embora ambos tenham como objeto de estudo a linguagem humana. Vejamos algumas das atividades filológicas:

#### a) Edições diplomáticas

Preocupação com a apresentação modelar de uma edição original, atualmente sob técnicas mais fiéis, em que as cópias fotográficas ou eletrônicas reproduzem todos os detalhes da página original.

#### b) Edições críticas

Também se observa a preocupação com a apresentação modelar de uma edição original, porém há um inconveniente: na tentativa de eliminar os erros involuntários, há páginas em que ocorrem mais

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

comentários do que texto original.

### c) Comparação de edições diferentes

A comparação de edições diferentes se dá para se chegar ao texto original. O autor se vale de um conjunto de informações e de seu senso crítico e reflexivo para determinar que edição seria a original.

Para ilustrar esse tópico, poderíamos observar os seguintes exemplos de uma edição de “Os Lusíadas”, tida como original:

“Filho de Maria aa terra, porque tenha” (Edição Ee,56, v. 2), em comparação com:

“Filho de Maia aa terra por que tenha” (Edição E e,56, v. 2)

Nesse verso, Camões fazia alusão a Mercúrio. O escriba, demonstrando ignorar aspectos da mitologia greco-latina, cometeu um erro de hipercorreção, conforme observa Azevedo Filho (2007), ou

“Português Cipião chamar se deve” (Edição Ee, VIII, 32, v. 3) por:

“Português Capitam chamar se deve” (Edição E)

Aqui, o escriba cometeu um grave erro, pois além de não reconhecer o grande Cipião, o Africano, vencedor de Aníbal, o cartaginês, rebaixando o D. Nunes Álvares Pereira a um simples capitão.

### d) Estudos das divergências entre línguas da mesma origem

O séc. XIX foi marcado pela “Gramática Comparativa” ou “Linguística Comparativa” dos neogramáticos alemães.

Essa corrente procurava estabelecer as origens das línguas a partir da comparação entre elas, como o fez Franz Bopp (1816) com a sua obra “Sistema de conjugação do sânscrito em comparação com o grego, o latim e o germânico”.

Desse estudo, se deduziu existir uma protolíngua – o indo-europeu – língua hipotética de um povo ariano que habitava no cen-

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tro do continente asiático por volta do 2.500 a.C. e que migrou para as terras da Europa.

É daquele estudo de Bopp também que surge a Filologia em 1816.

A Linguística, como estudo científico, ou seja, a Linguística moderna surge cem anos depois com os estudos de Ferdinand de Saussure e seu Curso de Linguística Geral (1916) – obra póstuma, reunida de suas aulas por um discípulo: Charles Bally, que nem mesmo foi seu aluno nos dois cursos ministrados até 1910.

### SINCRONIA E DIACRONIA

Esses termos compõem uma das dicotomias saussurianas.

Saussure (1969), um estudioso suíço, adotou o termo “Sincronia” para se referir à relação dos fatos de uma dada língua num determinado momento de sua história.

O conjunto de correlações e oposições, que constitui um “estado linguístico”, pode ser constituído de elementos fonéticos, elementos mórficos ou morfológicos, elementos morfossintáticos, elementos sintáticos e elementos semânticos. A saber: na fonética, as vogais anteriores (/é/, /ê/ e /i/) se correlacionam, mas se opõem às posteriores (/ó/, /ô/ e /u/) e à central (/a/), por exemplo; na morfologia, os sufixos lexicais têm a função de formar novas palavras e se opõem aos sufixos flexionais, que têm a função de caracterizar as categorias gramaticais de uma mesma palavra; na morfossintaxe, os nomes plurais entre si, que se opõem às respectivas formas singulares; na sintaxe, a complementação indireta de certas estruturas preposicionadas é correlata ao pronome pessoal oblíquo “lhe”, mas se opõe ao pronome pessoal oblíquo “o”; na semântica, duas ou mais palavras se correlacionam quando se estabelece uma sinonímia e se opõem quando se estabelece uma antonímia.

Saussure (*Ibidem*) adotou o termo “Diacronia” para designar as transformações de uma dada língua através do tempo, cujo conjunto de transformações em níveis diversos constitui a sua evolução linguística.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Segundo Saussure (*Ibidem*), a cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido, sincrônico e uma evolução, diacrônica: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado.

De certo muitas palavras sofrem mudanças com o passar do tempo. Tais mudanças não são sentidas por todos. Os usuários comuns são leigos no assunto, mas os interessados, a partir dos estudos diacrônicos, as identificam.

Logo, tanto os estudos diacrônicos como os sincrônicos são importantes.

Convém, sobretudo, ressaltar que tais estudos não se confundem.

Assim, o estudo diacrônico de uma determinada língua é a sua história interna, i. é, o estudo diacrônico compreende a gramática histórica, a história do léxico e a semântica histórica.

Logo, o estudo diacrônico da língua portuguesa, por exemplo, nos remete à evolução da língua latina na península Ibérica, passando pelos romanos da região lusitana, até os nossos dias.

Sob essa visão, quanto à diacronia do português, poder-se-iam observar diversas fases ou períodos na evolução da língua latina na região lusitana desde a queda do Império Romano, após a invasão dos povos bárbaros no Séc. V d.C., até os nossos dias.

Primeiramente, por volta do Séc. VI até o Séc. IX, surgiu um romance cristão lusitano; depois, estabelece-se uma língua românica de natureza lusitana – uma protolíngua galaico-portuguesa – por volta do Séc. X, que, em consequência da fundação de Portugal no início do Séc. XII, é tomada como língua portuguesa (português arcaico – galego-português); depois, toma a forma de português moderno por volta do Séc. XVI, que se estende até os dias atuais.

Convém não confundir as referidas fases, que constituem uma divisão didática, com o que se denomina em sincronia um “estado linguístico”, conforme nos alerta Câmara Jr (*Op. cit.*, p. 94).

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

### PRINCIPAIS AUTORES DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

Atualmente, não há importantes estudos de Filologia, mas muitos foram os estudos feitos no passado.

Em Portugal, a Filologia Portuguesa teve autores importantíssimos, como Epiphânio Viana Dias, que modernizou o ensino de língua portuguesa com a sua “Gramática prática da língua portuguesa” (1870) e sua “Sintaxe histórica da língua portuguesa” (1915).

Gonçalves Viana também foi muito importante com a sua “Ortografia Nacional” (1904).

Temos, ainda, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Adolfo Carneiro, Leite de Vasconcellos e Julio Moreira.

No Brasil, podemos citar nomes como o de Antenor Nascentes com o seu “O linguajar carioca” (1922), João Ribeiro com as suas três gramáticas, Câmara Jr com vários trabalhos na área de Linguística Estruturalista, Júlio Ribeiro com sua “Gramática Portuguesa” (1881), Said Ali com a sua “Gramática Secundária da Língua Portuguesa” (1927) e diversas obras, o jovem Serafim da Silva Neto com a sua “História da Língua Portuguesa” (1952) e tantas outras obras.

### FATORES DE EVOLUÇÃO LINGUÍSTICA

Primeiramente, convém ressaltar que a língua independe do seu usuário isolado, mas sim, de uma dada comunidade linguística, onde se nos apresentam várias modalidades de seu uso.

Logo, em toda comunidade linguística existem modalidades de uso da língua, que estão relacionados a fatores regionais e/ou sociais. Os fatores regionais e sociais podem produzir usos variantes da língua de uma dada comunidade linguística, os quais são chamados de “dialetos”.

De fato, pode-se observar uma hierarquia nas oposições linguísticas superficiais ou secundárias de uma dada língua. Tais oposições geram dentro dela umas divisões, denominadas “falares” ou variantes ou modalidades, que se agrupam nos referidos dialetos.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Temos com isso, portanto, os conceitos de “falares ou línguas regionais” e de “língua nacional”. A língua nacional, que é comum a todos os usuários de uma nação, reúne todos os falares regionais, o que a caracteriza como um sistema de possibilidades de uso da língua.

### *Conceito de língua e dialeto*

Língua é um sistema de possibilidades linguísticas – usos da língua –, que se efetiva a partir de regras espontâneas do próprio sistema e/ou de normas previamente estabelecidas. Nesse sentido, língua constitui um conjunto de regras fonéticas, morfológicas e sintáticas.

Como sistema de possibilidades linguísticas, a língua reúne em si vários usos – modalidades de uso da língua. Já asseverava Saussure (1916), ao distinguir *langue* (parte social da linguagem) de *parole* (parte individual da linguagem), que a *langue* (língua) é uma somatória de todas as *paroles* (falas ou usos).

Dialeto, grosso modo, se refere aos diferentes usos de uma dada língua. Contudo, convém ressaltar que há três diferentes acepções de dialeto.

Dialeto é uma corrupção da língua, ou seja, produto da evolução normalmente espontânea da língua, cujo resultado é uma derivação tão característica, que os usuários de uma outra comunidade podem ter dificuldade de reconhecimento daquele uso, como sendo um uso ou modalidade da sua língua. É o que ocorreu com o latim, que se transformou nas línguas românicas.

Dialeto também pode ser tão-somente o conjunto de particularidades fonéticas e vocabulares de uma dada região, ou seja, sotaques ou regionalismos. Como é o caso do português do Brasil, por exemplo, em que há pelo menos quatro falares regionais distintos: o do Norte, o do Nordeste, o do Sudeste e o do Sul.

Ainda podemos associar “dialeto” ao fato de uma dada estrutura linguística (língua dialetal) estar subordinada a uma região politicamente organizada, em que uma língua é oficial. É o que ocorre na Espanha: o castelhano é a sua língua oficial, mas é de fato, assim

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

como o galego e o catalão, um língua dialetal do latim na Espanha.

Segundo Câmara Jr., “Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais”. (*Idibidem*, p. 95)

O referido Mestre ressalta, ainda, que não há uma unidade absoluta em um dado dialeto em todo o território por onde se estende. Um dialeto pode apresentar, inclusive, subdialetos, isto é, certos traços linguísticos podem ser encontrados em uma determinada parte da região em que se circunscreve.

Dialetos e subdialetos de uma dada língua recebem uma classificação convencionada, baseada preferencialmente em traços fonéticos e morfológicos, os quais são aspectos normalmente mais estáveis e sistemáticos da língua. Não é raro acrescentar a esses aspectos linguísticos conceitos extralinguísticos de natureza sócio-política ou psíquica. Nesse caso, o que se tem não é propriamente um dialeto mais uma língua em si, como se pode observar na Espanha: o espanhol (castelhano), o catalão e o galego constituem línguas distintas.

### *Restrições a formações de dialetos*

Embora seja comum o fenômeno de dialetação de uma dada língua, mormente quando se efetiva num grande território ou em várias regiões descontínuas e, por vezes, distantes e de sistemas políticos diversos, há certas restrições a formações de dialetos e à sua manutenção quando se efetiva. Tais restrições são de ordem extralinguística:

- Sentimento linguístico comum e espontâneo – os usuários sentem a existência de uma língua comum e a reconhecem como tal.
- Existência de uma linguagem culta ou um padrão linguístico – nesse caso, os dialetos se limitam ao uso cotidiano e não apresentam maiores expressões culturais e literárias.
- Uma política nacional e organizada, a qual se subordinam as regiões por que se estendem os dialetos.

Convém ressaltar, como o fez Câmara Jr., que “quando se verificam essas condições extralinguísticas, mas não a coincidência dos

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

traços linguísticos essenciais, já não se têm dialetos, mas línguas distintas”. (*Idibidem*, p. 95)

Convém ressaltar, também, que os traços linguísticos utilizados na identificação de dialetos e subdialetos de uma dada língua são os fonológicos e os morfológicos, porquanto são eles que se sobressaem e os caracterizam. Isto é, um dialeto compõem-se fundamentalmente de uma pronúncia e de um vocabulário particularizantes em relação à língua como um todo.

### VARIAÇÃO FONOLÓGICA: METAPLASMOS

Por ser um sistema de linguagem, a língua compreende uma organização de fonemas (sons vocais significativos e distintivos), com os quais são formadas as suas palavras na organização de seu léxico.

Uma língua se distingue de outra língua pelos seus sistemas de fonemas e de formas linguísticas e, sobretudo, pelos seus padrões frasais, em que tais formas se organizam na interação e expressão do pensamento de seus usuários.

Portanto, as línguas se distinguem pela suas particularidades fonéticas e, mormente, morfossintáticas. Assim, quando uma determinada língua sofre evolução em suas estruturas fundamentais, tem-se um processo de dialeção, cujo resultado final pode ser o surgimento de uma nova língua.

Um exemplo claro desse fenômeno é o que ocorreu com a língua latina na península Ibérica: novas estruturas linguísticas surgiram; são as denominadas línguas neolatinas, uma das quais é o português.

Variações fonológicas podem ser observadas, por exemplo, entre o latim e o português.

Essas variações são consideradas “metaplasmos”, que se define como “toda mudança fonética que a língua sofre na sua evolução”, segundo os estudos de gramática histórica.

A gramática normativa latina já usava o termo para denominar as formas variantes de um vocábulo, considerando a etimologia

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(termo grego: *metá* “mudança” + *plasmo* “forma”).

Na gramática histórica, o termo se relaciona tão somente a mudanças fonéticas. Nesses estudos, a forma-base e a forma variante situam-se numa linha evolutiva da língua no tempo.

Assim, podemos observar a ocorrências de diversos tipos de metaplasmos na formação do léxico da língua portuguesa, tomando a palavra latina como forma-base para a deriva.

Os metaplasmos podem ser por acréscimo, por supressão, por transformação e por transposição de um ou mais de um fonema vocálico ou consonantal.

São exemplos de metaplasmos por acréscimo: **prótese** (*scuto* > *escudo*), **epêntese** (*are(n)a* > *areja*), **suarabácti** ou **anaptixe** (*blat(t)a* > *barata*) e **epítese** ou **paragoge** (*ante* > *antes*).

São exemplos de metaplasmos por supressão: **aférese** ou **deglutição** (*epigru* > *prego*); **crase** (*do(l)or* > *dor*); **sinalefa** ou **elisão** (*outra+hora* > *outrora*), **síncope** (*lua* > *lua*); **haplogogia** (*idololatria* > *idolatria*) e **apócope** (*mare* > *mar*).

São exemplos de metaplasmos por transposição: **metátese** (*semper* > *sempre*); **hipértese** (*primariu* > *primeiro*); **sístole** (*idolu* > *ídolo*) e **diástole** (*limite* > *limite*).

São muitos os metaplasmos por transformação. Eis alguns exemplos: **assimilação** (*ipsu* > *isso* ou *auru* > *ouro*); **ditongação** (*sto* > *estou*); **palatização** (*flam(m)a* > *chama*); **sonorização** (*lupu* > *lobo*).

A essas formas evoluídas do latim damos o nome de formas populares, que se distinguem das formas eruditas, que são aquelas que entram na língua posteriormente, sem sofrerem aquelas alterações profundas – os metaplasmos.

Além dos metaplasmos, também contribuem para a evolução de uma língua os estrangeirismos, que são as formas tomadas de empréstimos às diversas línguas em contato, e duas figuras de estilo: a metáfora e a metonímia. Aquela se efetiva ou por analogia de significado com outra forma ou por contiguidade do significado de uma forma. A metonímia propriamente dita (também denominada “siné-

doque”) se efetiva por aproveitar parte de um todo.

### CIRCUNSTÂNCIAS DA EVOLUÇÃO

De fato, os referidos metaplasmos são o resultado das evoluções dos termos latinos, que se processaram principalmente na boca do povo. Daí, serem as formas evoluídas aquelas que surgiram por via popular.

As formas semieruditas também são populares, que, embora tenham entrado na língua em época posterior e por meio da Igreja principalmente, da administração romana e do ensino escolar, sofreram pequenas alterações fonéticas.

Admitindo-se que o ser humano se caracteriza pela língua que fala e que a língua é um fenômeno cultural e, portanto, uma criação humana, podemos asseverar que há dois tipos de evolução.

As evoluções, que podem ser “espontânea” ou “motivada”, não são estanques, pois há casos em que uma causa a outra.

A evolução espontânea é aquela que se dá naturalmente com o uso da língua. O falante procura se utilizar da língua da forma mais fácil, simples e objetiva, o que caracteriza as denominadas “lei do menor esforço” e da “economia lingüística”, combatidas por alguns estudiosos, como o fez de Câmara Jr. (*Op. cit.*, p. 155).

A evolução motivada se dá por uma falta da própria língua sentida pelos seus usuários ou pelo contato com outra(s) língua(s), que provoca o aparecimento de uma novidade.

A formação das línguas românicas tem a sua origem principalmente na evolução espontânea, sendo a evolução motivada responsável por certas características de uma dada língua românica.

O desaparecimento do futuro simples (*amabo* – “amarei”) e do futuro anterior (*amauera* – “tereí amado”) foi causado pela evolução espontânea. Em conseqüência disso (falta do tempo futuro), nas línguas românicas, sobreveio a necessidade de se expressar esse tempo, o que se deu por uma evolução motivada (no português: amar hei > amarei; terei amado).

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos

Logo, as línguas mudam porque são organismos vivos, dinâmicos, que estão sempre em constante evolução, embora nem sempre nos damos por isso.

Quando uma língua se estende por um vasto território ou concorre com outras línguas numa mesma região ou ainda quando diversas comunidades lingüísticas se efetivam numa mesma extensão territorial, a probabilidade de ocorrerem mudanças lingüísticas é muito grande.

As diversas comunidades vão criando, de forma espontânea, paulatina e inexorável, seus modos praticamente particulares de uso da língua. Tal fenômeno, que pode ser mais ou menos efetivo e profundo, é o fator que determina o aparecimento de um falar regional, ou de um dialeto propriamente dito, ou até mesmo de uma nova língua.

Logo as circunstâncias da evolução de uma língua dependem de fatores regionais e/ou sociais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da distinção entre filologia e lingüística e, sobretudo, a importância de cada uma dessas áreas de estudos sobre a linguagem, pudemos observar que a compreensão de certos fatos lingüísticos históricos nos faz compreender os fenômenos da língua atual.

Vimos como uma língua evolui durante o seu uso pelo povo no decorrer do tempo e que essa evolução cria dialetos, que podem vir a se transformar numa língua diferente, como ocorreu com o latim principalmente depois da queda do Império Romano no Séc. V.

Vimos também, que, da língua latina surgiram diversas línguas românicas, uma das quais foi o português, e que a sua evolução se deu em alguns casos de forma espontânea e em outros de forma motivada.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de *Os lusíadas de Luís de Camões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007. (Edição fac-similada).

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: USP, 2001.

BOPP, Franz . *Sistema de conjugação do sânscrito em comparação com o grego, o latim e o germânico*. 1816.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 12ª ed., Petrópolis: Vozes, 1985.

———. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985a.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cancioneiros medievais galego-portugueses: fontes, edições e estrutura*. São Paulo: VMF Martins Fontes, 2007.

NETO, Serafim da Silva. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1952.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 1922. Trad. de Antônio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1969, título original: “Cours de Linguistique Générale”, Org. por BALLY, Charles; SE-CHEHAYE, Albert, Paris: Payot, [19--].

VASCONCELOS, Leite. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: [s.n.], 1926.